

**ANTES TABU, AGORA HOLOFOTE: UMA RESENHA CRÍTICA DE  
*SOLITÁRIA***

*BEFORE, IT WAS TABOO, NOW, THEY ARE ON THE SPOTLIGHT: A  
CRITICAL REVIEW OF LONELY*

**CRUZ, E. A. *Solitária*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2022.**

Jorge Luiz Menezes ADAS<sup>1</sup>

**RESUMO:** Nesta resenha crítica, veremos como o trabalho de Eliana em seu mais recente romance cria uma crítica sobre assuntos que, em um momento na história foram considerados tabus, mas estão voltando a ser pauta nos principais debates.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escravidão moderna; racismo; crítica.

**ABSTRACT:** In this critical review, we are going to see how Eliana's most recent novel creates a critique about themes that, in a certain moment in history were considered taboos, but are coming back to the main debate spotlights.

**KEYWORDS:** Modern slavery; racism; critique.

*Solitária* é um livro brasileiro de ficção escrito por Eliana Alves Cruz e publicado em 2022 pela Editora Companhia das Letras.

Eliana nasceu na cidade do Rio de Janeiro e se formou em comunicação social pelo Centro Universitário da Cidade do Rio de Janeiro. Além de escritora, também trabalha como Chefe do Departamento de Imprensa da Confederação Brasileira de Esportes Aquáticos.

*Solitária* não é seu único livro, também escreveu outros três romances: *Água de Barrela* (2016), livro com o qual ganhou o prêmio Oliveira Silveira de 2015; *O Crime do Cais do Valongo* (2018), livro semifinalista do prêmio Oceanos em 2019; e *Nada Digo de Ti, Quem em Ti não Veja* (2020), ganhador do prêmio

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, IBILCE, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: jlm.adas@unesp.br.

da União Brasileira dos Escritores em 2022. Afora os romances, a autora foi vencedora do prêmio Jabuti em 2022 na categoria Contos com a antologia *A Vestida* (2022).

Em apenas 168 páginas, Eliana traz uma crítica à escravidão moderna de uma forma precisa, mostrando também a diferença entre gerações e classes sociais, o amadurecimento forçado de crianças e como a irresponsabilidade pode gerar consequências desastrosas.

A estrutura do livro é simples: são três partes narradas em primeira pessoa por personagens diferentes. Em cada uma delas, a narrativa é dividida em capítulos nomeados conforme o local/objeto que será destaque nele. Por exemplo: há um capítulo intitulado “Piscina”, no qual tem como ambiente principal a parte exterior do apartamento, onde está localizada a piscina. Em outro, intitulado “Espelho de Cristal”, o objeto exerce um maior destaque, mostrando que algo de ruim aconteceu por conta de seu estado.

Mabel é a narradora da primeira parte. Em seu início, vemos ela já adulta, em uma cena que se repete mais adiante na história. Esse recurso, comumente utilizado no cinema com o nome de *flashforward*, é empregado precisamente ao longo de toda a obra.

Nos capítulos que seguem, vemos a trajetória da narradora no Edifício Golden Plate, um prédio residencial de luxo onde mora o casal que emprega a mãe de Mabel, dona Eunice. Já no começo, é possível observar um dos assuntos: o amadurecimento forçado. Em uma festa, o sobrinho da dona da casa se afoga, e a culpa recai na babá da criança, uma menina de 13 anos chamada Irene.

Ela sabia que as crianças como eu — como ela foi e, antes dela, a sua mãe, e a mãe de sua mãe até a minha décima avó — não entendiam muito bem o que era isso de ser criança. A gente sempre foi miniatura de adulto. Irene era mais uma na lista.

Esse amadurecimento forçado se dá por conta da personagem vir do interior para uma cidade grande com o objetivo de trabalhar e ganhar dinheiro que seria útil para a família; portanto, não tendo uma vivência natural de uma

criança em sua idade: brincar, estudar, interagir com outros sem responsabilidades extremas.

Mais adiante, nos é mostrado a diferença de classes sociais com duas passagens marcantes: “Seu Tiago podia não ser milagreiro, mas quem tem dinheiro faz os ‘milagres’ acontecerem” (Cruz, 2022, p. 33) e “[...] e o fato de que Bruninho estava indo para casa naquele momento em vez de para o cemitério já era uma prova de que o impossível tem suas condições para acontecer. E as razões são quase sempre econômicas” (Cruz, 2022, p. 33).

A inocência infantil também é mencionada, num contexto que mostra que as crianças, como padrão, são livres de preconceitos raciais e econômicos, juntamente com o desejo de proteção da filha pelo pai, o engano das aparências, exploração de trabalho infantil e, acima de tudo, o amadurecimento de Mabel.

Na segunda parte, a narração muda de personagem, mas não para alguém desconhecido, já que quem irá nos contar a história é dona Eunice.

Começando na mesma cena que iniciou o capítulo de Mabel, mas agora sob a perspectiva da mãe, nesta parte teremos o início do trabalho de dona Eunice no apartamento de luxo. Nesse início, ela passa por uma “prova” de honestidade: uma carteira cheia de dinheiro fora “esquecida” no sofá, e um dilema traz novamente a diferença entre as classes, destacada em mais uma das diversas brilhantes frases por toda a obra:

Abri e contei o dinheiro... Para elas podia não ser grande coisa, mas para mim era muito. Aquela quantia resolvia as infiltrações na cozinha e comprava roupas novas para Mabel, que estava crescendo e perdendo tudo... garantia também uns remédios da minha mãe... E alguém ali tinha aquilo tudo no bolso!

Dona Eunice vai, ao longo da narração, não só expondo seu passado, mas também descobrindo o seu presente. Quem é ela? A qual classe social pertence? Quem são as pessoas para as quais trabalha? Qual sua relação com a filha?

Além disso, é impossível deixar de citar como o racismo impacta na obra. Todos esses aspectos mencionados anteriormente são extremamente agravados por uma única condição: a cor da pele das personagens. Em certo momento, um personagem é descrito da seguinte forma: “João Pedro pensava ter o mesmo

direito de transgredir, a mesma ‘vista grossa’ de todo mundo para o que fazia, como acontecia com os garotos do edifício” (Cruz, 2022, p. 51), mostrando que ele ainda não tinha conhecimento da diferença de tratamento sofrida entre brancos ricos e pretos pobres.

As personagens são descritas de maneira incrível; desde os mais estereotipados, como Mingau, um coronel aposentado que, mesmo não tendo mais poder, se acha maior do que é, tentando se mostrar superior a tudo e todos e, com um toque crítico da autora, mostra-se racista.

Outra personagem que brilha é Dadá. A princípio não sabemos muito sobre ela, mas quando nos é revelado algo sobre ela, começamos a entender seu lado e sentimos pena.

Certamente as personagens que mais se sobressaem são Mabel e Dona Eunice. Apesar de serem ligadas por um traço maternal, elas são produtos de sua geração. Dona Eunice sabe que é uma mulher negra e marginalizada; logo, prefere evitar conflitos para, apesar de receber pouco, manter uma certa dignidade. Mabel, por outro lado, entende os problemas da sociedade e luta para tentar sair do ciclo que suas gerações tanto permaneceram: “Ela sabia que as crianças como eu — como ela foi e, antes dela, a sua mãe, e a mãe de sua mãe até a minha décima avó — não entendiam muito bem o que era isso de ser criança.” (Cruz, 2022, p. 26).

As personagens secundárias também brilham. Seu Tiago, dona Lucia e Camila são um retrato da elite brasileira que se acha superior a tudo e a todos. Seu Jurandir é o personagem mais doce de toda a trama, seu carisma nos anima. Seus filhos se opõem entre si, enquanto Cacau é um garoto certinho e nerd, João não tem papas na língua, fala o que vier na mente para qualquer pessoa, chegando até a protagonizar uma cena hilária com Mingau.

A terceira parte é bem diferente. Aqui não temos Mabel, dona Eunice ou qualquer outro personagem narrando a história, mas sim os ambientes. O nome dessa parte mostra um jogo perfeito entre ele e o nome dos capítulos: quarto de empregada, quarto de porteiro, quarto de hospital e quarto de descanso, cada um uma solitária, um local onde as pessoas ficam sozinhas. Os acontecimentos se dão

a partir da visão dos cômodos, e eles mostrarão as consequências da negligência. Em dado momento, uma negligência por prazer; em outro, uma negligência por alienação.

Em uma narrativa considerada curta quando se analisa o número de páginas, mas também longa quando entram em cena as questões políticas e sociais, Eliana traz de volta para os holofotes temas que foram, por muito tempo, escanteados dos holofotes midiáticos. Infelizmente, mais e mais vezes lemos e ouvimos notícias de pessoas resgatadas de uma situação análoga à escravidão, o que mostra que esse tema nunca deixou de existir; pelo contrário, que pouco se era falado.

### **Como citar essa resenha?**

ADAS, J. L. M. Antes tabu, agora holofote: uma resenha crítica de *Solitária*. Mosaico, São José do Rio Preto, v. 22, n° 01, p. 328-332, 2023.

### **Referências:**

CRUZ, E. A. *Solitária*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2022.

*Eliana Alves Cruz*. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literaafro/autoras/1159-eliana-alves-cruz>>. Acesso em: 9 out. 2023.

*Grupo Companhia das Letras*. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/11447/eliana-alves-cruz>>. Acesso em: 9 out. 2023.

*Premiados do Ano*. Disponível em: <<https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/premiacao/?ano=2022>>. Acesso em: 9 out. 2023.